

## **RELATO DE EXPERIÊNCIAS A PARTIR DO ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO SOBRE O SEXISMO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

Autor: Francisco Matos dos Santos Junior; Co-autora: Maria Leciana da Silva; Orientador: José de Caldas Simões Neto;

*Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - fjuniormentos09@gmail.com - lecyanabandeira@gmail.com - josecaldas@leaosampaio.edu.br*

### **Introdução**

O Estágio Curricular Supervisionado constitui-se em um quesito de grande valia para a formação acadêmica dos futuros professores, pois proporciona um elo entre a teoria e prática estudada durante a vida acadêmica, permitindo ao estagiário adquirir novas experiências na docência. É o momento para os acadêmicos serem lapidados pelas experiências no campo de trabalho para assim tornarem-se profissionais qualificados para exercerem sua função no âmbito escolar.

O presente relato trata sobre as considerações vividas durante o Estágio Curricular Supervisionado I em Educação Física, realizado no período de março a maio do ano de 2017, em uma escola de ensino fundamental da rede municipal de ensino na cidade de Juazeiro do Norte - CE. Colocando em prática os conhecimentos adquiridos durante os primeiros semestres do curso de licenciatura em Educação Física do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio.

O Estágio Curricular Supervisionado I tendo uma carga horária total 100h/aulas sendo 20 horas destinadas à orientação, planejamento e elaboração dos relatórios e 80h/aulas no campo de estágio sendo essas divididas em 10h/aulas de observação e 70 horas de regência nas séries iniciais do ensino fundamental.

O estagio curricular teve como principal objetivo proporcionar ao estudante a participação em situações reais de vida e de trabalho, que constitui um momento de aprimoramento de conhecimentos e de habilidades essenciais ao exercício profissional, que tem como função integrar a práxis pedagógica, trabalhando através dos conteúdos de Jogos e Brincadeiras.

### **Relato de Experiência**

Nos primeiros dias de vivência na escola fomos apresentados aos alunos, tudo muito cordial, professores e alunos muito receptivos e amigáveis. Os alunos logo se alegraram quando souberam

que iriam ter aulas práticas de Educação Física através dos jogos e brincadeiras. No primeiro momento a professora pediu aos alunos que se organizassem para o deslocamento até a quadra de esportes. Nesse momento sentimos um grande impacto ao observamos que os escolares se organizaram por sexo, os meninos ficaram em uma fila e as meninas em outra, e que nenhum deles poderia sair das suas respectivas filas.

Mesmo com visão contrária aquela da forma de organização dos alunos, acatamos de modo respeitoso a decisão da professora. E seguiu-se até a quadra daquela forma ordenada pela professora. E quem não a seguisse, naquele formato, ficaria na sala de aula (fala da professora).

Com nosso primeiro contato na aula prática foi pedido que os alunos pegassem nas mãos uns dos outros de modo que pudessemos formar um círculo. E o que ocorreu na sala de aula, veio a ser reproduzido durante a nossa aula, em que meninas não aceitavam pegar na mão do colega do sexo masculino, e vice versa. Essa problemática nos fez rever a forma como iríamos conduzir as nossas próximas aulas e planejar os demais planos de aula.

Optamos por começar essa mudança de forma sutil, para não causar um grande impacto e rejeição nos alunos, que já tinham habituado com aquele sistema de organização e também não causar uma resistência por parte dos professores e coordenação da escola.

Passadas algumas aulas, em uma determinada turma, a professora nos perguntou se iríamos ministrar aula apenas para os meninos, foi então a oportunidade que esperávamos para tocar nesse assunto sobre o sexismo junto à turma e a professora em sala. Na ocasião esclarecemos a todos que não poderíamos lecionar apenas para um grupo específico de alunos e excluir o restante da turma, pois essa separação ocasionaria nas futuras aulas um problema de relacionamento entre eles e privilegiaria alguns, por apenas presumir que eles seriam mais fortes ou rápidos, e isso não era correto e que todos são capazes de interagir e conviver em harmonia, realizando as atividades juntos, sem distinção de sexo ou habilidade motora.

Em casa e até mesmo nas escolas os meninos são na maioria das vezes estimulados pelos pais e professores a praticarem um vasto repertório de jogos e brincadeiras no qual tem total liberdade de movimentos. Já as meninas são privadas de tais atividades, com a justificativa que são frágeis e delicadas e não pode envolver-se nas mesmas atividades que os meninos (DARIDO *et al*, 2005). De acordo com Beltrão e Alves (2009) a problemática referente ao sexismo teve início no século XIX com a justificativa que as mulheres tinham que se dedicar apenas aos filhos e a casa e, portanto não precisavam ter acesso a um grau de instrução mais elevado. O que restava para elas era lecionar nos cursos primários.

Nesse momento em diante, todas as nossas aulas foram de alguma forma trabalhado a questão do sexismo entre os escolares, através de atividades lúdicas como “passa a bola”, em que todos os alunos eram instruídos a passar a bola por todos os colegas sem nenhuma distinção, durante a atividade eles ficaram tão concentrados em passar a bola da melhor forma possível e nem se lembrarão das questões sexistas. Em todas as oportunidades que tínhamos para exemplificarmos e contextualizar sobre o sexismo eram feitas durante as aulas, e todas as informações eram reforçadas junto aos professores das turmas.

Para Formiga (2007) pode-se pensar o sexismo por duas vertentes, uma relacionada à hostilidade que nos traz que a mulher é inferior ao homem por atitudes e preceitos de diferenciação e a outra de benevolência, quando se diz que a mulher necessita de mais cuidados para não ser afligida, e isso é visto de uma forma aceitável por todos.

Mesmo com o início pautado de certa resistência, pôde-se observar uma melhora significativa na interrelação dos escolares frente às questões sobre a diferença entre os sexos nas turmas. E isso foi o que nos levou a continuarmos com a proposta metodológica das aulas mistas. O sexismo não parou instantaneamente, até porque, esse é um trabalho em longo prazo e necessita de um planejamento melhor para obtermos resultados mais satisfatórios. No entanto foi o suficiente para instigar nos alunos a vontade de ter outras formas de se relacionarem daquele habitual implantada pelos professores e pela escola.

O esporte é um fenômeno que se manifesta de diversas maneiras e diferentes culturas, sendo procurado como prática de atividade física por muitas crianças e adolescentes. Ele apresenta várias possibilidades de manifestações da cultura de um povo e os seus benefícios têm ultrapassado o limite do bem-estar físico e tornar-se a cada dia mais visível a sua influência a nível educacional e formativo para crianças, adolescentes e jovens, conforme evidências da literatura atual (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003).

Nessas perspectivas foi possível visualizar que os professores de Educação Física têm grande responsabilidade e participação na formação integral do aluno. Sendo dele a função de não diferenciar os esportes apenas para homens ou para mulheres, mas, de orientar que independente do sexo e/ou gênero todos podem praticar qualquer esporte ou jogo que se sinta a vontade para tal e que todos são capazes de desenvolverem ou melhorarem suas habilidades físicas e principalmente de interagirem com os demais colegas de forma ética e prazerosa através das aulas de Educação Física na escola.

## Considerações Finais

As consequências da privação de alguns esportes pela questão de sexismo acarretam em um desenvolvimento incompleto do sujeito, acaba deixando de desenvolver o aluno de forma integral. Os efeitos dessa rotina vão aparecer quando o indivíduo for adulto e necessitar daquelas habilidades, seja motora, cognitiva e/ou social afetiva que deveria ter sido estimulada na infância e em decorrência disso podem apresentar problemas motores, de alta estima ou de socialização.

Para que possamos formar sujeitos preparados para vida escolar e conseqüentemente para a vida em sociedade, é necessário ter uma visão ampla, além dos preconceitos e reproduções sociais. E o mais importante é repassar para os alunos os conhecimentos, e que não fique apenas no belo discurso e na prática não fazemos nada para modificar a realidade. Assim podemos galgar uma educação transformadora a partir dos novos saberes adquiridos com uma prática da Educação Física justa, ética e inclusiva.

O Estágio Curricular Supervisionado I abriu nossos olhos para que pudéssemos enxergar diversos pontos interessantes sobre a nossa prática pedagógica. Um fator importante foi percebermos o quanto o esporte, jogos e brincadeiras e as práticas corporais são bem aceitas pelos alunos quando eles passam a compreender que a sua prática vem a lhes oferecer uma ampla gama de ações destinadas não apenas a preencher o seu tempo livre, mas, contribuir para sua formação. Além de atrair os alunos para participarem de outras disciplinas e melhorar o seu condicionamento físico, as aulas de Educação Física têm trazido benefícios para esses alunos em termos intelectuais e também de formação essencial para suas relações sociais e afetivas.

**Palavras-Chave:** Educação Física; Sexismo; Ensino Fundamental.

**Fomento** Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO

## Referências

- BASSANI, J. J.; TORRI, Danielle; VAZ, A. F. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambigüidades. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, maio/agosto de 2003.
- BELTRÃO, K. I.; ALVES, J. E. D. A reversão do hiato de gênero na educação brasileira no século XX. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, FCC, v 39, n. 136, p. 125-156, jan./abr. 2009.
- DARIDO, Suraya Cristina *et. al.* **O contexto da Educação Física na Escola**. In: Educação Física na Escola: implicações a prática pedagógica/ Coordenação Suraya Cristina Darido, Irene Conceição Andrade Rangel – Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.
- FORMIGA, Nilton S. A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 7, n. 1, p. 59-70, 2007.